



DA ESCOLA ESPECIAL À INCLUSIVA: O ENSINO DE CIÊNCIAS E A INCLUSÃO SOCIAL DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA MENTAL

Ciência e os Gaúchos Conscientes

Gabriela Pereira Matte

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

O Projeto de Ciências na Escola Estadual Especial Renascença, em Porto Alegre, teve início no ano de 2012. Sem experiência prévia com crianças especiais, houve uma apreensão inicial ao lidar com aquela nova situação. Crianças e adolescentes, até de idade superior à minha, com deficiência mental. Foi se desenvolvendo uma relação de afeto ao longo dos meses – essencial ao processo de ensino e aprendizagem, o que facilitou muito o descobrimento das dificuldades de cada um. Os primeiros temas a serem desenvolvidos com os alunos foram “Horta” e “Alimentação Saudável”, dando uma continuidade ao assunto dos anteriores bolsistas do PIBID. Estes tópicos eram de vital importância para a qualidade de vida, autoconhecimento e compreensão do meio ambiente por parte das crianças. Ao longo do desenvolvimento das aulas foi possível descobrir assuntos sobre os quais os próprios alunos gostariam de entender melhor. Foi então que surgiu o tema “Drogas”. Em função de a Escola possuir um histórico de alunos com gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (alguns vindo inclusive a falecer em função destas), resolveu-se que a “Sexualidade” seria abordada juntamente com o tema “Drogas” no ano de 2013. Através de conversas em roda, houve relatos dos alunos de que amigos, familiares e até eles mesmos utilizavam ou já utilizaram algum tipo de droga. Também foram feitos experimentos como cromatografia, para mostrar que o álcool que compõe as bebidas pode ter outras finalidades e com fumaça de cigarro para demonstrar o dano causado aos pulmões. Com três meses de trabalho já foi possível perceber o profundo interesse por parte dos alunos do projeto. As turmas em geral são bastante receptivas. Com toda a rapidez que a tecnologia fornece atualmente, a criança com estas necessidades especiais se torna um agente humanizador. É preciso deixar à parte a concepção de escola como espaço de competição para dar lugar à escola cidadã. Não se pode pensar em inclusão de alunos com deficiência mental de forma quantitativa, ao invés de quantidade, a criança especial precisa de qualidade. A escola inclusiva precisa ser um espaço para a formação de cidadãos conscientes de diferentes grupos sociais, não em um sentido de segregação, mas de diversidade, respeito e compreensão.

Palavras-chave: inclusão social; ensino de ciências; deficiência mental.